

INVESTIGAR NARRATIVAS E SIGNIFICADOS: A *GROUND*ED ANALYSIS COMO METODOLOGIA DE REFERÊNCIA

Carla Fonte

Mestre Assistente

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UFP

cfonte@ufp.pt

Este artigo defende a importância da investigação qualitativa no âmbito das ciências sociais e humanas. A autora sugere os princípios propostos pela Grounded Analysis como metodologia de referência para o estudo da experiência humana, mais concretamente dos processos e significados narrativamente construídos. Apresenta-se assim um guia prático para a realização de uma investigação de cariz qualitativo segundo a metodologia Grounded Analysis. Descreve-se as fases que constituem a selecção dos participantes a estudar e destaca-se a entrevista qualitativa como instrumento privilegiado de recolha dos dados. Por último são abordados e operacionalizados os diferentes momentos da análise e interpretação dos dados.

1. INTRODUÇÃO

Enraizada na fenomenologia e na hermenêutica, a investigação qualitativa tem recuperado, para lugar central nos estudos sobre a acção humana, os tópicos do discurso e do significado, desenvolvendo uma compreensão holística, e em profundidade, da experiência. De facto, as metodologias qualitativas constituem uma ferramenta imprescindível para o trabalho no domínio da significação da experiência humana. A ênfase em objectivos centrados na compreensão da experiência humana, nos processos de construção, com base nos dados empíricos e na subjectividade do investigador, tem exigido a diversificação do reportório metodológico da investigação na psicologia e nas diversas ciências sociais e humanas (Fernandes, 2001).

A investigação qualitativa assume, para nós, o significado proposto por Strauss e Corbin (1990) - um tipo de investigação que produz resultados não atingíveis através de procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação, mas derivados dos dados recolhidos por um procedimento interpretativo que constitui um processo de análise não matemática.

Ou seja, cada método oferece-nos uma determinada forma de conhecimento, mas nenhum nos permitirá aceder a todo o leque de conhecimentos possíveis. Se cada método nos permite conhecer uma determinada perspectiva do objecto, a sua escolha deverá decorrer essencialmente dos nossos objectivos, do tipo de interrogações que pretendemos responder através da investigação.

Assim, a metodologia qualitativa apresenta-se como um modelo possível de investigação - a *grounded theory* (Glaser e Strauss, 1967) servirá de referência como modelo de investigação qualitativa e será analisada no presente trabalho.

Em alternativa à abordagem hipotético dedutiva, em que a investigação se deve orientar para a verificação de hipóteses previamente formuladas (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988), o investigador orientado para a descoberta, formula questões que lhe permitem definir o âmbito e o foco da sua investigação, mas que permanecem susceptíveis de reformulação e refinamento à medida que a própria pesquisa vai evoluindo (Machado, 2000). Assim sendo, nesta investigação, opta-se por um tipo de pesquisa mais exploratória, seguindo um procedimento de tipo indutivo. Não se parte de hipóteses prévias, mas antes, da familiarização com uma situação ou fenómeno, a descrição e análise do mesmo, fazendo emergir hipóteses à medida que o labor investigativo avança.

Identifiquemos, pois, alguns exemplos das questões que os investigadores interessados nesta metodologia poderão colocar e que orientarão a selecção dos participantes e na análise dos dados.

(1) Conhecer, em termos gerais a trajectória de vida de determinadas populações, procurando compreender como é que estas trajectórias de vida se articulam com as dimensões de significação e os sentidos associados ao seu comportamento;

(2) Identificar as narrativas e a construção de significados relativos ao fenómeno de interesse a estudar e perceber de que modo estes significados individuais se articulam com diferentes actos das suas vidas;

(3) Identificar os conteúdos do “discurso” sobre o fenómeno em estudo produzidos pelos participantes do mesmo.

Outras questões poderão ser formuladas e desenvolvidas tendo por base a metodologia que se apresenta e sobretudo os objectivos que cada investigador se propõe.

2. METODOLOGIA: A *GROUND*ED ANALYSIS

No âmbito da investigação em psicologia, só recentemente os investigadores desta área começaram a valorizar os estudos que recorrem a metodologias qualitativas. Neste contexto, a *grounded analysis* é uma das metodologias que mais vem interessando os investigadores (Fernandes, 2001).

Esta metodologia consiste, genericamente, num conjunto de procedimentos qualitativos, com um propósito privilegiado de contribuir para o desenvolvimento de teoria. É uma metodologia baseada no estudo próximo dos dados da investigação que se apresentam, inicialmente, mal estruturados (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988). Tal como este mesmo autor refere, este tipo de metodologia “é atractivo para quem prefere mergulhar nos dados antes de se lançar para a teoria” (Rennie, 1998, *cit. in* Fernandes, 2001, p. 209). Ou seja, trata-se de “uma metodologia geral para desenvolver teoria, que está enraizada nos dados sistematicamente recolhidos e analisados. A teoria evolui durante a própria investigação e isso ocorre através da relação dinâmica e contínua entre análise e recolha de dados” (Strauss e Corbin, 1994, p.273).

2.1. PARTICIPANTES E PROCESSO DE SELECÇÃO

A selecção dos participantes, num estudo qualitativo, pretende-se intencionalizada, sendo os participantes seleccionados em função da informação que nos podem fornecer sobre o fenómeno em estudo. Desta forma, não se pretende que a amostra seja representativa de uma população, mas sim da experiência ou conhecimento a que o estudo procura aceder (Morse, 1994). Esta é mais uma ruptura introduzida pela investigação qualitativa, face às abordagens mais tradicionais, e que traduz claramente o abandono do pressuposto da aleatoriedade obrigatória na selecção dos sujeitos.

Glaser e Strauss (1967), designaram este método alternativo de amostragem de “amostragem teórica”. A amostragem deixa de ser realizada a partir de um critério externo (representatividade) e passa a ser feita de acordo com critérios internos ao estudo, designadamente a oportunidade de aprendizagem representada por cada participante (Morse, 1994).

Numa primeira fase, os participantes escolhidos deverão ser aquilo que Morse (1994) designa por “peritos experienciais” no fenómeno – aqueles que possuem sobre ele um conhecimento particular e aprofundado e que podem maximizar a informação que pretendemos recolher.

A segunda fase da “amostragem teórica”, consiste na identificação da variabilidade, isto é, na selecção deliberada de participantes que nos permitem aceder à heterogeneidade da experiência investigada (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988). Os autores sugerem duas estratégias: a selecção de grupos contrastantes e a procura activa de casos negativos.

A selecção de grupos contrastantes refere-se à complexificação do processo de análise dos dados pela introdução de um ou mais grupos de comparação, divergentes em relação ao primeiro que foi identificado. A selecção de casos negativos pretende incluir a análise de sujeitos que contrariam os padrões emergentes dos dados, permitindo verificar pressuposições já construídas pelo investigador, introduzindo uma maior complexidade e refinamento na análise teórica (Strauss e Corbin, 1994).

2.2. RECOLHA DE DADOS: A ENTREVISTA QUALITATIVA

Para a concretização dos objectivos deste tipo de investigação sugere-se recorrer à entrevista qualitativa como instrumento de recolha. Esta, também designada por entrevista em profundidade (Olabuénaga, 1996), é definida como uma técnica para obter informação, sendo que permite que o indivíduo transmita oralmente ao entrevistador a sua definição pessoal das questões colocadas (*ibidem*). Taylor e Bogdan (*cit. in* Olabuénaga, 1996, p.167), definem a entrevista em profundidade como “encontros, face a face, entre o investigador e os informantes, encontros estes dirigidos para a compreensão das perspectivas que os informantes têm acerca das suas vidas, experiências, situações”.

Deste modo, como orientação das entrevistas que se pretende realizar, sugere-se esboçar um guião de tópicos a abordar, mas, o modo e o momento em que as questões sejam formuladas, dependerão das opções em cada situação, feitas pelo investigador, em função do decorrer da entrevista. Este guião de entrevista deverá incluir os temas de interesse para o investigador relacionado com o fenómeno em estudo.

2.3. ANÁLISE DOS DADOS

Finalizada a fase de realização das entrevistas, segue-se a sua transcrição procedendo-se ao registo integral dos conteúdos expressos por cada sujeito. Os tempos de pausa ou interrupções do discurso (tossir, suspirar, rir, entre outros) poderão ou não ser registados, mediante estes se mostrarem relevantes para os objectivos do estudo.

Procura-se depois desenvolver uma estratégia sistemática de codificação, seguindo as sugestões de alguns autores (Strauss e Corbin, 1994; Miles e Huberman, 1994; Rennie, Phillips e Quartaro, 1988). Estes autores, referem que, todas as categorias são construídas a partir dos dados, sendo estas mesmas categorias progressivamente definidas e alteradas ao longo do trabalho de codificação, até ao último entrevistado a analisar.

De acordo com esta abordagem indutiva, as primeiras categorias emergentes dos dados são de natureza descritiva, muito próximas da linguagem usada pelos sujeitos (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988). Contudo, à medida que a análise avança, surgem as categorias mais conceptuais ou interpretativas (Strauss e Corbin, 1994).

De acordo com Glaser e Strauss (1967), estes diferentes tipos de categorias deverão ser progressivamente estruturadas numa rede hierárquica. Neste processo de categorização, o investigador procura “integrar o particular no geral e anda para trás e para a frente entre os dados brutos e as categorias mais genéricas” (Miles e Huberman, 1994, p.432). Um outro aspecto a realçar na *grounded analysis* é que, ao contrário da análise de conteúdo tradicional, “cada unidade de análise é atribuída a tantas categorias quanto possível” (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988).

Apresentamos um exemplo da estratégia de codificação de análise de dados a realizar, a partir destes princípios, pormenorizando as suas diferentes etapas:

(1) Selecção do Material Relevante para a Análise – após a leitura de cada uma das entrevistas, procede-se à elaboração de um resumo dos principais temas abordados que cada entrevista sugere. Estas sínteses permitem ter, de um modo geral, uma ideia daquilo que é dito por cada entrevistado.

(2) Categorização Descritiva – categorização das unidades de análise com base na terminologia usada pelos entrevistados. Como unidade de análise sugere-se a frase/ideia.

(3) Elaboração de Memorandos – ao longo do processo de construção de categorias, poderão surgir ideias e hipóteses sobre o significado de cada uma, das relações entre estas, entre outros aspectos. Deste modo, deverão ser construídos memorandos referentes a cada categoria, nos quais se registam estas ideias/sugestões (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988).

(4) Categorização Conceptual – nesta fase, cada categoria descritiva será inserida em várias categorias conceptuais. Estas categorias conceptuais consistem em categorias de nível mais abstracto e compreendem diferentes categorias descritivas.

(5) Categorização Central – as categorias centrais são categorias mais gerais, incluem diversas categorias conceptuais e são comuns às categorias conceptuais das diferentes entrevistas.

(6) Hierarquia de Categorias – a construção das hierarquias de categorias será viabilizada pela categorização cumulativa e pela emergência de interrelações entre as diversas categorias conceptuais e as categorias centrais, em cada domínio.

(7) Clarificação Estrutural – esta fase consiste na clarificação da estrutura hierárquica do discurso emergente, através da fusão ou suspensão provisória das categorias idiossincráticas (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988). Ou seja, se o objectivo fôr caracterizar o discurso do grupo e não de sujeitos individuais, poder-se-á optar por integrar as categorias que só tenham sido expressas por um entrevistado noutras categorias mais frequentemente referidas pelos sujeitos, com um significado idêntico. Quando tal facto não é possível, estas deverão ser mantidas, temporariamente, à parte da estrutura hierárquica construída, até, no final da codificação, se verificar se haveria mais sujeitos que a elas se referissem.

(8) Construção do discurso do grupo – finalizada a codificação, procede-se à primeira síntese descritiva do discurso do grupo.

Toda esta análise qualitativa poderá ser feita manualmente, ou com o auxílio de qualquer *software* destinado ao tratamento de dados qualitativos, por exemplo o *software* Nud*ist.

3. CONCLUSÃO

Para terminar gostaríamos de salientar que, não pretendemos com este artigo realçar as metodologias qualitativas em detrimento das quantitativas, com origens em paradigmas diferentes (positivista e construtivista ou hermenêutico, respectivamente). Isto porque estamos de acordo com Ingold e Ingold (1988), ao referirem que, estas perspectivas não são opostas, antes estabelecem entre si uma relação dinâmica, em que cada uma pode representar uma análise possível. Quando articuladas, estas análises permitem uma compreensão mais completa da realidade a estudar, abrindo assim o campo da investigação e aprofundamento perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. S. e Freire, T. (1997). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Coimbra, APPORT.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições Setenta.
- Denzin, N. K. (1989). Interpretative biography. *Qualitative Research Methods Series*, vol. 17. California, Sage.
- Fernandes, E. (2001). *Encontro de Narrativas Terapêuticas*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Glaser, B. e Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York, Aldine de Gruyter.
- Guba, E. e Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research*. London, Sage, pp. 105 – 117.
- Ingold, F. & Ingold, S. (1988). Complementarite methodologique des approches quantitative et qualitative de la recherche dans le champ de la toxicomanie. In: *Bulletin de methodologie sociologique*. 48, n°20, pp. 105 – 117.
- Machado, C. (2000). *Discursos do medo, imagens do "outro"*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Miles, M. e Huberman, M. (1994). Data Management in Qualitative Research. In: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research*. London, Sage.
- Morse, J. (1994). Designing Funded Qualitative Research. In: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research*. London, Sage.
- Olabuénaga, J. (1996). *Metodologia de la investigación cualitativa*. Bilbao, Universidad de Deusto.
- Poirier, J. ; Valladon, S. & Raybaut (1995). *Histórias de vida : teoria e prática*. Paris, Celta Editora.
- Polkinghorne, D. P. (1988). *Narrative psychology*. Albany, New York , Suny Press.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1988). *Manual de Investigação em ciências sociais*. Lisboa, Gradiva.
- Rennie, D.; Phillips, J. R. e Quartaro, G. K. (1988). Grounded theory : A promising approach to conceptualization in psychology? In: *Canadian Psychology*, 29, pp. 139-150.
- Silverman, D. (1993). *Interpreting qualitative data: methods for analysing talk, text and interaction*. London, Sage.
- Strauss, A. (1987). *Qualitative analysis for social scientists*. Cambridge, U. K., Cambridge University Press.
- Strauss, A., e Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research*. Newbury Park, CA, Sage Publications.
- Strauss, A. e Corbin, J. (1994). Grounded theory methodology: an overview. In: N. K. Denzin e Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research*. London, Sage, pp. 273 – 285.